



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6354 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

FILOSOFIAS DA DIFERENÇA, ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO: QUANDO A IMAGEM SE ESQUIVA DA REPRESENTAÇÃO...

Francieli Regina Garlet - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Vivien Kelling Cardonetti - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Marilda Oliveira de Oliveira - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Agência e/ou Instituição Financiadora: PNPd- Capes

FILOSOFIAS DA DIFERENÇA, ARTES VISUAIS E EDUCAÇÃO: QUANDO A IMAGEM SE ESQUIVA DA REPRESENTAÇÃO...

Nossa proposta parte do que tem nos movimentado nas experimentações em paisagens que se compõem entre arte, filosofia e educação. Nessas paisagens, a potência das imagens junto às filosofias de Gilles Deleuze e Félix Guattari, mostram-se como ‘linhas feiticeiras’ que nos arrastam e nos incitam a pensar/criar.

O conceito de imagem enquanto representação, modelo ou ilustração vai sendo desfeito em meio a esses movimentos, abrindo espaço para pensar o que nas imagens (artísticas ou não) se manifesta ainda como ‘sem imagem’, fios soltos que elas carregam enquanto possibilidade de diferenciação e de criação de outros possíveis. Arrancar a imagem do conforto da representação nos provoca a toma-la como um disparador, que aciona fagulhas de [im]possíveis a partir de suas conexões e encontros com heterogêneos (coisas, pessoas, textos, etc.). Tal movimento nos coloca à espreita do que a dinamiza e a faz nômade, do que arrasta os sentidos já dados em devires. Dispara a pensar a imagem como relação, distanciando-a da ideia de alguma coisa fechada em si mesma.

Pensamos, pois, a imagem em acoplamento com outras imagens, com leituras, com escritas, com as experiências educativas, e nos interessa, mais especificamente, o que se agita ‘entre’ essas conexões como linhas feiticeiras que arrastam tais instâncias em devires e impele o pensamento a pensar de um modo com o qual não estava acostumado.

É por essas vias que pensamos a imagem como potencializadora de encontros com um ‘pensamento sem imagem’. A noção de ‘pensamento sem imagem’ é operada por Deleuze no livro *Diferença e Repetição* (2006b) e também no livro *Proust e os Signos* (2006a). O autor conceitua como ‘pensamento sem imagem’, um pensamento não formatado por uma organização prévia do itinerário que ele deve percorrer (2006a), que impulsiona, portanto, uma aventura que vaza do percurso pré-estabelecido pela representação. Um tal pensamento é criador, não obediente a uma imagem pré-existente, ou modelo prévio do que seja pensar

(PELBART, 2010).

Como afirma Deleuze, é “como se o pensamento só pudesse começar, e sempre recomençar, a pensar ao se libertar da imagem e dos postulados” (DELEUZE, 2006b, p. 131). Libertar-se da imagem e dos postulados diz respeito a espreitar as brechas de respiro, as potências por onde o pensamento possa libertar-se de um ‘como’ prescritivo no modo de atuar junto aos encontros, experimentando andanças que são acionadas pelas potências que se colocam a cada vez.

No caso das imagens visuais em específico, não se trata de aprender a vê-las segundo um determinado modo prescrito pelas disciplinas do olhar, seria, quem sabe, limpar as imagens de todos esses clichês e modelos prévios de como pensá-las. Seria experienciá-las como acontecimento, em seus entrecruzamentos, e então pensar o que pode uma imagem em suas relações singulares.

As névoas que nos provocam a pensar a imagem como ‘disparadora’ de sentidos inesperados e disparatados têm acompanhado nosso grupo/matilha de estudos na pós-graduação desde 2011, momento em que fomos nos aproximando com mais intensidade de leituras referentes às filosofias da diferença, em especial dos escritos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, os quais foram afetando e atravessando nossas pesquisas, encontros e experiências educativas no campo da educação das artes visuais.

A partir de uma estratégia investigativa cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 2011; ROLNIK, 2006) e dos movimentos transversais (GUATTARI, 2004; GALLO, 2014; PASSOS; EIRADO, 2015) acionados por ela, intentamos trazer nessa escrita, portanto, problematizações que dizem do que temos experienciado com as imagens enquanto grupo/matilha de estudos na pós-graduação, a partir do nosso encontro com as filosofias da diferença.

A cartografia, ao levar em consideração a investigação das forças em cena de cada paisagem, convida a um distanciamento dos preceitos simplistas e costumeiros, em função das diferentes demandas que cada relevo impõe. É por isso que, por apostar na experimentação com as imagens, a atmosfera acontecimental de cada encontro é singular, exigindo a criação de movimentos próprios para cada situação. Nesse viés, não há nada a ser descoberto, desvelado ou reproduzido, mas um terreno em constante movimento a ser cartografado.

A transversalidade entraria em cena como a matriz de mobilidade dessa cartografia, pois investe na exploração do contágio, na ideia de expansão, no trânsito e na produção de saberes múltiplos, com o propósito de estabelecer um movimento para criação de possibilidades inusitadas junto à imagem. Como colocam Passos e Barros (2015, p. 166), somente com “a abertura do grau de transversalidade seria possível pensar diferentemente”.

Essa paisagem tensionadora favorece a aproximação de elementos junto da imagem que até então, talvez, nunca tenham ficado lado a lado, permitindo, assim, que outras relações de forças possam se fazer presentes, ensaiando composições e dando “língua para afetos que pedem passagem” (ROLNIK, 2006, p. 23). Tendo em vista os aspectos pontuados, a problemática que nos movimenta, junto a outras tantas que brotam dela no decorrer dessa escrita, diz respeito à: O que podem as imagens ao acionar um pensamento sem imagem?

Em nossos encontros de estudos e pesquisas com as filosofias da diferença, as imagens, frequentemente, têm sido convidadas a atuar como ‘disparadoras’ do pensar, articuladas com os conceitos dos quais temos nos aproximado. Cabe mencionar que as imagens não têm funcionado como um recurso para entender os conceitos, mas sim têm

atuado em conexão com eles, num encontro, numa vizinhança em que se desdobram para direções inesperadas, provocando o pensamento a pensar e arrastando imagens e conceitos para diferentes possibilidades de existência. Não se trata, pois, de uma relação apaziguada, mas de uma conversação entre imagens e conceitos.

Deleuze e Guattari apontam que “os conceitos são monstros que renascem dos seus pedaços” (1992, p. 183). Essa colocação tem nos instigado a pensar nas nossas experiências com a imagem, mostrando-nos a potência de renascimento da mesma junto aos encontros com leituras, escritas e outras imagens. Como já mencionado, as imagens, a partir da perspectiva dos autores que convidamos para a conversação nesse texto, não se mostram de modo a serem ‘lidas’ e decifradas, não aparecem para apaziguar ou satisfazer o entendimento de outras coisas, apresentam-se, sim, armadas para a batalha, na espreita do que pode fazê-las renascer em sua multiplicidade.

Tais movimentações e relações de tensionamento têm se estendido para além dos encontros de estudo, respingando no próprio movimento de escrita e composição de nossas dissertações e teses, onde imagens e escritas se encontram de modo a deixar também alguns espaços vazios, como provocações ao pensamento. Um modo de não fechar as pesquisas ao que, enquanto pesquisadores/as, queríamos dizer e mostrar com elas. Um modo de mantê-las vivas a partir do encontro com quem venha a experimentá-las.

Temos explorado nesse processo uma relação com a imagem que se distancia da nossa tão conhecida ‘leitura de imagem’, a qual, influenciada por inúmeros métodos de leitura estrangeiros, foi disseminada no Brasil, principalmente, pela Abordagem Triangular (BARBOSA, 1998) a partir da década de 1980. Leitura que, muitas vezes, foi capturada por uma “tradição do olhar ocidental, sobre a arte e as imagens” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 35), onde o foco de interpretação se restringia ao objeto analisado em si ou, então, ao sujeito que a produzia, partindo de modelos de leitura já delimitados *a priori*, os quais acabavam por produzir um certo disciplinamento do olhar (HERNÁNDEZ, 2011). Modelos de leitura que auxiliavam num processo de ‘decifrar’ a imagem a partir da história da arte, da iconografia, da semiótica, da psicanálise, do perceptualismo formalista, com a pretensão de ensinar a “‘ver’ além da superfície do que se vê” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 35, grifo no original).

Hernández (2009, p. 198) problematiza, desse modo, a noção de leitura, enfatizando que “as imagens não seguem a lógica dos textos escritos” e, portanto, não podem ser lidas da mesma forma que eles. Ainda, segundo o autor, as imagens não podem ser traduzidas em palavras, do mesmo modo que as palavras não podem ser traduzidas em imagens. Imagens e escritas podem compor uma com a outra e entrar em conversação, mas jamais darão conta uma da outra, da multiplicidade de possibilidades que podem ser acionadas ‘com’ cada uma.

Nesse sentido, outro ponto que podemos elencar enquanto algo que escapa a tal noção de leitura, entendida enquanto um código a ser decifrado sem ruídos, são essas conexões inusitadas que as imagens podem produzir, os encontros que elas têm com outras coisas, que podem fazê-las variar a cada vez nesse processo.

A partir do encontro com as filosofias da diferença, foi nascendo em nós e no nosso grupo/matilha, um desejo de experimentar/falar/escrever sobre/com essa outra relação com a imagem, que não é da ordem de uma leitura de imagem, pelo menos não essa leitura que a ‘alfabetização visual’ propunha. Parecia-nos limitador, também, tratá-las apenas pelo viés da interpretação, por isso, passamos a nos interessar por uma relação de criação com a imagem, onde nada permaneceria em seu lugar, nem a imagem, nem o que entrava em relação com ela (subjetividades, textos, conceitos...).

Junto disso, a inquietação que surge é que nessa relação, talvez não se trate de

perguntar: ‘o que eu vejo na imagem?’ (já supondo um sentido escondido nela, a ser decifrado sem ruídos, como propunham as disciplinas do olhar), mas, ao mesmo tempo, parece-nos insuficiente perguntar a partir da cultura visual: ‘o que a imagem diz de mim?’

Cabe mencionar aqui que nos interessa muito o modo com que a abordagem da cultura visual enfatiza a ‘relação’ com as imagens, não tendo tanto como enfoque “um quê (objetos, imagens) nem um como (método para analisar ou interpretar o que vemos)”, mas, sim, pensando esse “espaço de relações que traça pontes no ‘vazio’, que se projeta entre o que vemos e como somos vistos por aquilo que vemos”. Também nos interessa as problematizações suscitadas por essa perspectiva quando propõe entrecruzar diferentes narrativas sobre uma mesma imagem, de modo a “indagar sobre as maneiras culturais de olhar e seus efeitos sobre nós” (HERNÁNDEZ, 2011, p. 34). Entretanto, ao propor a pergunta ‘o que essa imagem diz de mim?’, inquieta-nos a suposição de um ‘eu’ já dado que interpreta a imagem.

Algumas perguntas brotam em meio a essas inquietações ao friccioná-las com as filosofias da diferença. Perguntas essas que tem funcionado como questões de pesquisa, como: Que devires atravessam um encontro com uma imagem? Como esse encontro pode arrastar as instâncias envolvidas - imagens, quem as experiencia, textos, conceitos... - para outros [im]possíveis? Que potências podem ser acionadas em um corpo/pensamento no encontro com uma imagem pelas vias da experimentação? O que pode ser forjado/inventado a cada vez, a cada relação com uma imagem? Em conexão com o quê uma imagem funciona, sendo convidada a produzir outros sentidos? O que se pode inventar com aquilo que escapa às disciplinas do olhar? O que pode brotar na impossibilidade de leitura da imagem? Que processos de criação podem ser disparados pelo encontro com uma imagem? De que modo podemos oferecer tais encontros pelas vias da experimentação e da criação?

Deleuze e Guattari (2011) falam na ‘experimentação’ como um processo que não fica restrito à interpretação, um processo que não se limita e que não supõe de antemão um ‘eu’ que interpreta. A experimentação, assume, assim, um viés em que nada está dado *a priori*, pois tudo se produz na experiência, não antecede à ela. Atua, deste modo, como um processo cartográfico de um corpo/pensamento disponível ao devir, onde não há um modelo prévio a seguir, apenas forças que vão movimentando esse corpo/pensamento que experimenta velocidades e lentidões, ao passo que vai criando/produzindo sentidos nos deslocamentos experimentados por ele.

A vista disso, pensamos em uma relação de experimentação com a superfície das imagens que não busca nada escondido nelas, mas que, ao mesmo tempo, precisa limpar, varrer, soprar alguns clichês que se acomodam sobre ela como finas camadas de poeira (poeiras disciplinares, poeiras de repetição do mesmo). A experimentação pode ser assim, um modo de abrir espaços para que processos de criação com a imagem sejam possíveis.

Podemos afirmar, dessa forma, que é a superfície das imagens, bem como suas partes ‘ilegíveis’, ruidosas, abertas aos devires, às quais não cabem em um instrumento prévio de análise, que têm nos interessado explorar nos encontros de estudos, na produção de nossas dissertações e teses, na escrita de artigos para periódicos, na composição de materiais didáticos e, também, na maneira de trabalhar com os estudantes da graduação e da pós-graduação.

Uma experiência com a imagem que a toma como algo que não está dado de antemão, pode acontecer como enigma sem resposta certa, aberto aos encontros que possam mantê-lo operante, em movimento, em devir. Em vista disso, não se trata, pois, de analisar a imagem, mas de tomá-la como disparador de mundos por vir, de mundos a serem inventados nos encontros entre leituras, escritas e imagens.

Podemos afirmar, a partir das experimentações que temos realizado, que ao disparar um pensamento sem imagem, a imagem pode ganhar uma potência plural, diversamente do sentido representativo, em que as imagens e palavras voltam para si mesmas ou para uma única forma de relação.

Esta faculdade múltipla contribui para que o observador (leitor, estudante, visualizador) concorra para sua profusão e dispersão. Isto nos provoca a pensar que “uma imagem nunca está só. O que conta é a relação entre as imagens” (DELEUZE, 1992, p. 69) e entre imagens e escritas e leituras e experiências educativas, seja àquelas que fomos capazes de inventar/produzir em cada momento singular, seja as conexões e contágios que ainda estão por serem produzidos com os encontros por vir. O conceito de imagem enquanto representação, modelo ou ilustração vai sendo, assim, desfeito em meio a esses movimentos, abrindo espaço para pensar o que nas imagens se mostra ainda como ‘sem imagem’, fios soltos que elas carregam enquanto possibilidade de variação, de diferenciação e de criação.

Em nossas experiências educativas e investigativas temos percebido o quanto esse movimento é potente e ao mesmo tempo desafiador, pois há heranças de uma lógica da representação que acabam aderindo ao nosso corpo/pensamento. Legados que, na tentativa de fugirmos deles, acabam por nos capturar novamente. Não estamos imunes a essas heranças, até porque fomos ensinados desde sempre a tomar a representação como meio mais válido de relação. Nossas redes traçam novas conexões, mas, também, por vezes são detidas, e é em meio a essas experimentações, tentativas de fugas e desvios que passamos a inaugurar outros modos de relação com a imagem, à espreita do que nesses encontros pode fazer brotar um pensamento sem imagem, e do que pode se colocar como potência para experiências que acionem tal pensamento.

Ao fim dessa escrita, desejamos deixar algumas questões em aberto, sendo estas os primeiros resultados dessa pesquisa: Tendo em vista que o pensamento tomado pelas vias da criação não é algo natural, mas precisa ser, sim, acionado para que aconteça, o que tem violentado nosso pensamento em meio aos nossos encontros com as imagens, em nossas pesquisas, em meio à vida? O que tem funcionado como potência em nossos encontros para produzir um pensamento/criação, um pensamento sem imagem? Que espaços têm sido ou podem ser abertos em meio às nossas pesquisas e experiências educativas, para os efeitos que os encontros com as imagens podem produzir? Como estarmos disponíveis para processos de criação junto às imagens? Como sustentar espaços operativos nas composições com imagens que permeiam a pesquisa em educação? Como não saturar nossos escritos e composições de pesquisa com nossas verdades, deixando espaços para que outros [im]possíveis possam surgir?

PALAVRAS-CHAVE: Imagens. Pensamento sem imagem. Pesquisa em educação. Artes visuais. Filosofias da diferença.

Referências

BARBOSA, A. M. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos** [tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição** [tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado]. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

DELEUZE, Gilles; **Conversações**. [tradução Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** [tradução de Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GALLO, Silvio. Diferenças, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo S. (Orgs.). **Transposições - lugares e fronteiras em sexualidade e educação**. 1 ed. Vitória: Edufes, 2014. p. 185-200.

GUATTARI, Félix. A transversalidade (1964). In: **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2004.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, R.; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. da UFSM, p. 31-49, 2011.

HERNÁNDEZ, Fernando. Da alfabetização visual ao alfabetismo da cultura visual. In: MARTINS, R. TOURINHO, I. (Orgs.). **Educação na cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. UFSM, p. 189-212, 2009.

PASSOS, Eduardo; EIRADO, André do. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana (Orgs.). **Pistas do método da Cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 4ª Reimp. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 109-130.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não reconciliado**. Imagens de tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.